



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**A IMPORTÂNCIA DE JOGOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIÁRIAS PARA A
INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Sandra Martins Vieira
Nº de Matrícula: 112790044b
Polo: Carandaí

Juiz de Fora
2019

SANDRA MARTINS VIEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A IMPORTÂNCIA DE JOGOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIÁRIAS PARA A
INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Luciane Aparecida Nobre

Coorientadora: Prof^ª. Ms. Michelle Duarte Rios Cardoso

Juiz de Fora
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martins Vieira, Sandra.

A IMPORTÂNCIA DE JOGOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIÁRIAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL / Sandra Martins Vieira. -- 2019.

24 p.

Orientadora: Prof^a. Ms. Luciane Aparecida Nobre

Coorientadora: Prof^a. Ms. Michelle Duarte Rios Cardoso

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Deficiência intelectual. 2. Jogos. 3. Inclusão. I. Aparecida Nobre, Prof^a. Ms. Luciane, orient. II. Duarte Rios Cardoso, Prof^a. Ms. Michelle, coorient. III. Título.

SANDRA MARTINS VIEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Luciane Aparecida Nobre - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora - UAB

Prof^ª Ms. Michelle Duarte Rios Cardoso - Coorientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora - UAB

Prof^ª. Ms. Elismara Vaz Talma - Avaliadora
Universidade Federal de Juiz de Fora / UAB

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e força.

Aos meus filhos e meus pais por aceitarem minha ausência nos momentos de estudo.

A todos que de alguma forma contribuíram de forma significativa para a construção desse trabalho.

E, a minha Coorientadora Michelle Duarte Rios Cardoso que com muita paciência e dedicação foi capaz de me conduzir pelos caminhos da construção do conhecimento.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora se caracteriza em um projeto de intervenção desenvolvido pela candidata ao título de especialista. O projeto de intervenção foi desenvolvido em uma escola pública de um município mineiro, na qual leciono há quatorze anos. É uma comunidade carente, que tem na escola uma perspectiva de uma vida melhor. A questão que motivou esse estudo foi: Como a escola poderá incluir os alunos com deficiência intelectual, tirando-os do lugar de simples copistas e ouvintes passivos para ser tornarem protagonistas do seu processo de aprendizagem? Para respondê-la, foi desenvolvido um trabalho com uma aluna do quinto ano, que estuda na escola desde o primeiro ano, utilizando os jogos pedagógicos disponíveis na referida escola, como principal recurso metodológico. Como aporte teórico, me respaldei em autores como ALVES e BIANCHIN (2010), compreendendo o jogo como um valioso instrumento de aprendizagem, uma vez que sua importância está diretamente ligada ao desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. O desenvolvimento desse projeto aconteceu inicialmente a partir de uma entrevista com a mãe, avaliação diagnóstica da aluna, seleção dos jogos, aplicação dos jogos e registro do relatório. Os resultados obtidos com o desenvolvimento desta intervenção foram gratificantes. Pude confirmar que, a partir de um trabalho diferenciado, é possível o desenvolvimento de uma aluna com deficiência intelectual. As atividades de alfabetização desenvolvidas durante o projeto se deram de forma prazerosa e significativa para a aluna. Enquanto professora, percebi que é possível ir além. Projetos como este que mostram que somos capazes de transformar a educação. Que é possível fazer a diferença na vida das crianças com deficiência. E, que os jogos existentes em nosso cotidiano, contribuem para a aprendizagem de todos, mas para isso precisamos incorporar em nossa prática pedagógica ações mais inovadoras e atraentes.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual; Jogos; Inclusão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO.....	07
3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO.....	08
4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA.....	10
5 OBJETIVO GERAL.....	13
6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO.....	13
8 CRONOGRAMA.....	15
9 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	15
10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

O processo de inclusão dos alunos com deficiência deve ser muito mais do que apenas garantir a matrícula destes na escola regular como é determinado na legislação brasileira. Segundo Montoan (2003), incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Por isso, nosso compromisso, enquanto educador deve ser com todos e para todos. Dessa forma, é necessário que pensemos em práticas que viabilizem o desenvolvimento de todos os nossos alunos, sejam eles com deficiência ou não, pois, de acordo com a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras.

É necessário que se pense em práticas que possibilitem aos alunos (em particular nesse projeto) com deficiência intelectual, um melhor aproveitamento pedagógico. Muitas vezes fazemos adaptações que visam apenas integrar essas crianças dentro de sala de aula, utilizando atividades que se aproximam do que a criança já sabe e não atividades que as desafiam, que proporcionem novas descobertas e aprendizagens.

Sendo assim, torna-se importante criar práticas diferenciadas dentro da sala de aula, práticas essas que provoquem novas aprendizagens na turma. Nesse sentido, a utilização de jogos na sala de aula é uma boa alternativa para incluir os alunos com deficiência intelectual, pois, segundo Alves e Bianchim (2010), no jogo há uma importância do desenvolvimento psicomotor para aquisições mais elaboradas, como as intelectuais.

Isso posto, com este projeto pretende-se selecionar jogos de alfabetização que poderão ser utilizados em sala de aula tendo em vista a inclusão dos alunos com deficiência intelectual. Após seleção dos jogos que visam o aprimoramento do processo de alfabetização será feito um planejamento com atendimento individualizado. Neste projeto acompanharei uma aluna que se encontra matriculada no quinto ano do Ensino Fundamental I com Deficiência Intelectual, por meio de módulos de uma hora todos os dias, durante o meses de março e abril de 2019.

2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO

Atuando como coordenadora pedagógica e também como professora alfabetizadora, percebo que um dos desafios enfrentados na educação é incluir os alunos com deficiência intelectual. Estes, por apresentarem autonomia para as atividades da vida diária, por não dependerem das auxiliares e por interagirem com naturalidade com seus pares, não são vistos como alunos que necessitam de um acompanhamento diferenciado. São, muitas vezes, são ignorados pelos professores e excluídos do processo pedagógico por apresentarem pouquíssimo progresso no seu desenvolvimento escolar.

Percebo que alunos com deficiência intelectual são mantidos na escola, mas muito pouco tem sido feito por eles. Muitas vezes, por não possuírem laudo, tem sido prática na escola, não atender estes alunos na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), e geralmente são pouco assistidos pela professora devido à demanda dos outros alunos. Com isso, atuando na educação há quase vinte anos, tenho presenciado alunos chegarem ao final do Ensino Fundamental II, muitas vezes apresentando dificuldades para a escrita de palavras simples, sendo necessário desenvolver práticas que visem um melhor desenvolvimento intelectual desses alunos.

O sistema repleto de desigualdades, homogeneizador e competitivo das escolas tradicionais oprime o professor, reduzindo-o a uma situação de isolamento e impotência, principalmente frente aos seus alunos com deficiência intelectual, pois são aqueles que mais “entram” o desenvolvimento do processo escolar, em todos os seus níveis e séries. Diante da situação, a saída encontrada pela maioria dos professores é desvencilhar-se desses alunos que não acompanham as turmas, encaminhando-os para qualquer outro lugar que supostamente saiba como ensiná-los (BRASIL, 2007).

Como coordenadora de uma escola de um município de Minas Gerais, que atende alunos da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental I, tenho uma aluna que está cursando o 5º ano com histórico de atraso no desenvolvimento e distúrbio de comportamento (com auto e hetero-agressividade). Apresenta atraso significativo no desenvolvimento e dificuldade em manter um nível de atenção e concentração, necessitando de atividades que estimulem sua atenção e concentração. A aluna apresenta ainda dificuldades na fala, não pronuncia as palavras corretamente, principalmente as sílabas travadas.

A aluna foi encaminhada ao Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil (CAPSI) em 2014, com histórico de distração, agitação na sala de aula, e atitudes recorrentes como: falar sozinha, dificuldade para realizar as atividades propostas, danificar e picotar os materiais espalhando-os pela sala, resistência ao cumprimento de combinados e normas estabelecidas pela escola e agressões aos colegas.

O CAPSI, no mesmo ano, fez uma solicitação de relatório para a escola mas não retornou com um diagnóstico da aluna. Portanto, a mesma ainda não possui laudo. Ressalto que o encaminhamento da aluna ao CAPSI foi feito no período em que a mesma frequentava a creche. Hoje a aluna encontra-se matriculada no 5º ano do Ensino Fundamental I, e, embora se observe alguns avanços, há necessidade de intervenção tendo em vista seu desempenho pedagógico. A aluna não está alfabetizada, demonstrando grande defasagem em relação ao segmento em que se encontra inserida.

Enquanto coordenadora, orientei a professora regente a utilizar, com esta aluna, os mesmos recursos que utiliza com os outros alunos da turma. Na sala de recursos foram utilizadas práticas que se assemelham com as que eram aplicadas em sala de aula. Porém, estas práticas trouxeram poucos avanços para o desenvolvimento intelectual da mesma. A aluna mostra-se interessada, mas, devido à escassez de recursos específicos utilizados com ela não temos percebido bons resultados. Acredito que falta muito para que ela avance em seu processo de alfabetização.

Partindo dessa realidade torna-se necessário pesquisar: **Como a escola poderá incluir os alunos com deficiência intelectual, tirando-os do lugar de simples copistas e ouvintes passivos para ser tornarem protagonistas do seu processo de ensino aprendizagem?**

3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO

A escola em que atuo e onde será desenvolvido o projeto de intervenção, pertence a Rede Municipal de um município de Minas Gerais. Esta escola iniciou suas atividades em fevereiro de 2005 em sede própria, atendendo alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Embora as instalações atendam a alguns critérios da engenharia proposta para inclusão, ainda são necessárias algumas mudanças como, por exemplo, uma rampa de acesso para o segundo pavimento.

O prédio é constituído de dois pavimentos, contando com 10 amplas e arejadas salas de aulas, quatro banheiros (sendo dois femininos e dois masculinos), uma ampla biblioteca, cantina, refeitório, área para recreação, sala de informática, (não está em funcionamento devido à falta de manutenção nos equipamentos), sala de professores (contendo dois banheiros), secretaria, sala para direção, área de serviço, estacionamento para professores, horta e jardins, quadra coberta com dois vestiários.

A escola adota o sistema de avaliação quantitativo e qualitativo. No que se refere aos processos avaliativos, adota-se a distribuição de 100 pontos no decorrer do ano letivo distribuídos em três etapas; sendo a primeira e segunda valendo 30 pontos cada e a terceira valendo 40 pontos. Para os alunos que não alcançam a pontuação mínima de 60% é realizada a recuperação ao final de cada etapa.

A proposta pedagógica da escola está desatualizada e não existe uma proposta direcionada aos alunos com deficiência. Portanto, o trabalho é feito por conta do professor com algumas orientações da coordenação. Na escola temos outros alunos com deficiência intelectual, mas não consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) nenhum tipo de menção as estratégias a serem utilizadas com esses alunos. Dessa forma, pouco se tem feito por eles, na maioria das vezes o que é feito é solicitação a família de busca de apoio ao serviço médico ou psicológico.

A Prefeitura desse município tem avançado em suas políticas que atendem aos alunos com deficiência. Na escola possui uma sala de Atendimento Educacional Especializado, mas os atendimentos multidisciplinares na maioria das vezes não são oferecidos aos alunos com deficiência. Nesse contexto estão os alunos com deficiência intelectual que os pais ainda não aceitaram o diagnóstico e não buscam atendimentos.

No caso da aluna, a ser apresentado neste projeto, a família pouco tem feito, existem apenas relatórios feitos pela escola solicitando atendimento especializado para a mesma. De acordo com a mãe, a aluna já fez acompanhamento e recebeu alta da psicóloga, mas não existe nenhum documento que comprove tal fato. A aluna escreve palavras de sílabas canônicas, reconhece os números e relaciona quantidades, consegue realizar operações simples. Em relação ao comportamento a aluna se apresenta mais tranquila, diferente dos relatos dos professores anteriores que afirmam que a mesma era bem agitada, agredia os colegas frequentemente, chorava muito, sendo a presença da mãe solicitada na escola frequentemente.

Senso assim é importante que a escola encontre mecanismos que favoreçam a inclusão de forma efetiva e menos dolorosa. Ao invés de adaptar e individualizar/diferenciar o ensino para alguns, a escola comum precisa recriar suas práticas, mudar suas concepções, rever seu papel, sempre reconhecendo e valorizando as diferenças (BRASIL, 2007). Com este projeto de intervenção objetiva-se sugerir e colocar em prática estratégias que visam o desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual por meio de jogos, proporcionando a eles a possibilidade de ampliar suas capacidades de forma integral.

4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA

Enquanto coordenadora algo que vem me incomodando tem sido os alunos que apresentam deficiência intelectual. Como educadora tenho observado que algumas crianças vão ficando no meio do caminho e muitas vezes são excluídas da escola porque não conseguem concluir o processo de alfabetização e letramento.

Quando em sala de aula desconsideramos determinados alunos que não adquiriram habilidades e competências próprias do segmento que se encontram, estamos contribuindo para a exclusão. Muitos desses alunos, por não conseguirem acompanhar o que está sendo proposto em sala de aula passam a serem vistos como alunos indisciplinados ocasionando muitas vezes no desligamento da escola. Na concepção de Vygotsky (1996), a criança com deficiência deve ser compreendida numa perspectiva qualitativa e não como uma variação quantitativa da criança que não possui deficiência. As relações sociais que são estabelecidas com essa criança deverão necessariamente considerá-la como uma pessoa ativa, interativa e capaz de aprender. Na escola, a convivência com as contradições sociais, a diversidade e a diferença possibilitam um espaço rico de aprendizagem para todos os alunos. O confronto saudável no grupo promove a construção de conhecimentos. Para a criança com deficiência intelectual a interação com o outro possibilita novas oportunidades de aprendizagem.

Shimazaki e Mori (2012, p.65) assim se expressam sobre a importância da interação:

A pessoa com deficiência intelectual, quando deixada agindo por si mesma, terá maiores dificuldades em atingir o pensamento abstrato. O professor deve ajudá-la a fazer abstrações, bem como organizar e oferecer os instrumentos

necessários que possibilitem ao aluno reorganizar sua atividade cognitiva. O professor e a escola constituem uma instância mediadora para o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores.

Acredito que cada aluno possui seu ritmo de aprendizagem e necessita de acompanhamento desde o início do seu processo de escolarização. Sendo assim, este projeto visa apresentar algumas estratégias para serem utilizadas em sala de aula que poderão contribuir para o processo de alfabetização e letramento das crianças com deficiência intelectual.

Considerando que o processo de alfabetização se dá a partir da aquisição da linguagem escrita, criar estratégias diferenciadas possibilitará um melhor desenvolvimento das crianças. De acordo com o Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais, do município de São Paulo:

[...] Alfabetizar uma pessoa com deficiência intelectual não é um fim em si mesmo, mas um meio de possibilitar modificações mais amplas no seu repertório comportamental, contribuindo ao mesmo tempo para que melhore o que se chama a sua “auto-estima” e para que o mesmo também possa ter acesso ao conhecimento e conseqüentemente o desenvolvimento do seu potencial cognitivo. Para isso, é importante entender como se processa a aquisição do conhecimento, e hoje já sabemos que ela se dá por meio das interações do sujeito com o meio e suas experiências anteriores. Portanto, é necessário que essa pessoa traga sua vivência e posicione de forma autônoma e criativa diante do conhecimento. Dessa maneira, poderá questionar e modificar sua atitude diante do “não saber” e se mobilizará para buscar o saber e deixar de ser “repeteco”, o eco do outro e se tornar um ser pensante e desejoso de saber. (SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2007, p. 60).

A alfabetização precisa ser pensada tendo em vista seus significados e o que estes podem significar para as crianças. Por isso, é necessário despertar o interesse delas pelo objeto da escrita. Para as crianças com deficiência intelectual, este interesse torna-se ainda mais importante. Interesse esse que poderá ser despertado através dos jogos. De acordo com Silva (2014), os jogos na alfabetização podem favorecer tanto a compreensão da natureza e do funcionamento do sistema de escrita alfabética, quanto a consolidação do processo de alfabetização. É neste sentido que o jogo será utilizado neste projeto: na sala de aula e em outros espaços disponíveis na escola como recurso metodológico para estimular a aprendizagem da aluna participante da pesquisa.

É importante pensar a construção da escrita como algo relevante para seu desenvolvimento. Uma estratégia relevante no processo de alfabetização é a utilização

de jogos. Tendo como princípio que o jogo não é apenas uma atividade lúdica em si mesma, mas, um tempo-espaco de criação, de construção, de resolução de problemas propostos no âmbito do processo de ensino-aprendizagem (ABREU; MARONESI; MOURA, 2015). Para as crianças com deficiência intelectual não poderá ser diferente, estas poderão interagir e criar novos significados no processo de aquisição da escrita. Alves e Bianchin (2010), nos diz que o jogo é importante, não somente para incentivar a imaginação nas crianças, mas também para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. O jogo apresentado aqui pretende estabelecer, de forma clara, objetivos que visam apresentá-lo como uma atividade didática e de auxílio pedagógico para uma criança com deficiência mental.

Através dos jogos estabelecemos contato direto com as regras, trabalhamos com o imaginário da criança e proporcionamos a construção de novos saberes. De acordo com Oliveira (2007), é necessário nos aproximarmos do currículo escolar e de suas formas de aplicação, ou seja, cabe a nós professores, a partir da especificidade de cada componente curricular, pensar em formas de aproximação do estudante com deficiência intelectual com o objeto de conhecimento da disciplina, mas, pensando no currículo como uma proposta integrada da escola.

A deficiência intelectual não pode ser pensada à margem do contexto da aprendizagem. É preciso pensar em práticas mais humanizadoras, que valorizem o potencial dessas crianças. Na verdade, precisamos construir espaços significativos de aprendizagem para todos os alunos. Espaços mais dinâmicos, onde prevaleça o diálogo e a cooperação, onde todos os estudantes possam ter suas habilidades valorizadas. Independente de ser deficiente ou não, todos têm direito a aprender.

Através deste projeto de intervenção busca-se criar estratégias mais adequadas para se trabalhar com os alunos com deficiência intelectual em um contexto de uma sala de aula em que seus pares já dominam a linguagem escrita, desenvolvendo um trabalho de qualidade com todos os alunos da turma, tornando-os protagonistas de seu processo de ensino aprendizagem. Para Padilha e Ometto (2012), a linguagem como lugar de interação entre sujeitos e a linguagem vista como código deve pautar o trabalho do professor alfabetizador sem que este se volte apenas para o código, mas estabeleça situações de aprendizagem nas quais as relações dialógicas permitam reflexões sistemáticas acerca do código da língua. Acredito que através dos jogos é possível estabelecer este diálogo.

A alfabetização pensada conforme nos aponta Vygotsky (2010), nos diz que a escrita deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Elas devem sentir a necessidade do ler e do escrever no seu brinquedo. Por isso, é fundamental pensar a construção da escrita como algo relevante para seu desenvolvimento.

5 OBJETIVO GERAL:

Refletir sobre a utilização de jogos no processo de alfabetização dos alunos com deficiência intelectual e propor estratégias de utilização dos mesmos em turmas regulares.

6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Pesquisar jogos que auxiliam no processo de alfabetização e letramento de alunos com deficiência intelectual.
- Utilizar os jogos pesquisados/produzidos com os alunos com deficiência intelectual.
- Verificar/analisar teoricamente os resultados obtidos com a intervenção.

7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO:

- **1º etapa – Avaliação Diagnóstica**

No primeiro momento a aluna será avaliada a fim de verificar seu nível de escrita. Para essa avaliação utilizaremos os Instrumentos de Avaliação Diagnóstica do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale)¹.

¹ <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/3-avaliacao-diagnostica.html>

- **2ª Etapa – Seleção dos Jogos**

Seleção dos jogos que melhor atenderão a aluna. Serão utilizados jogos que já existem na escola e outros serão construídos tendo como referência o material do Programa de alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2012), jogos de sites da internet, entre outras fontes.

- **3ª Etapa – Acompanhamento da aluna**

O trabalho com a aluna será realizado todos os dias, por uma hora, durante os meses de março e abril.

Ao final de cada semana será feita uma nova avaliação com a aluna. Essa avaliação tem como objetivo verificar os avanços e analisar se os jogos estão contribuindo para a melhoria do desempenho da aluna.

Durante todo o processo de utilização dos jogos farei as observações e intervenções necessárias, para tanto utilizarei um Diário de Bordo e gravações, tomando o devido cuidado para que a aluna não se sinta constrangida, inibindo sua atuação no decorrer do processo.

Os jogos a serem utilizados neste projeto terão como objetivo principal o processo de aquisição da leitura e escrita.

Será necessário solicitar autorização da família e da equipe pedagógica da escola para que seja possível desenvolver o projeto na escola. Após preenchimento das fichas encaminhadas pela Universidade encaminharei para as famílias e Direção da escola.

A escrita do Relatório final se dará a partir das observações feitas tendo como referencial o material estudado no decorrer do curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos Escolares e de teóricos consagrados no que diz respeito ao processo de alfabetização.

8 CRONOGRAMA

Projeto de Intervenção

Nº	Estratégias/ações	Sujeitos envolvidos	Recursos materiais	Período de realização
01	Elaboração do projeto de intervenção	Sandra Martins	Notebook Livros Artigos	Dezembro/2018 Janeiro/2019
02	Elaboração da avaliação para a aluna que participará do projeto de intervenção	Sandra Martins	Livros	Janeiro/2019
03	Aplicação da avaliação diagnóstica	Sandra Martins Aluna participante da pesquisa	Avaliação	Fevereiro/2019
04	Pesquisa e seleção dos jogos de alfabetização	Sandra Martins	Livros Artigos Jogos	Janeiro a Fevereiro de 2019
05	Confecção de jogos	Sandra Martins	EVA Cola-quente Livros para recortes Canetões, etc Jogos prontos	Fevereiro a Março/2019
06	Aplicação dos jogos	Sandra Martins	Jogos	Março/2019
07	Verificação e análise dos resultados	Sandra Martins	Produções da aluna	Abril/2019
08	Escrita do relatório – TCC	Sandra Martins Orientadores	Livros Artigos	Abril a Maio/2019

9 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Este projeto de intervenção foi pensado para ser desenvolvido com um determinado aluno da escola, pelo fato dele possuir laudo. Porém, por motivo de mudança de cidade, o mesmo foi transferido para outra escola.

Levando em consideração a importância do tema e o fato de ter outros alunos com Deficiência Intelectual matriculados na escola, tal fato não atrapalhou a execução da proposta, sendo a mesma adaptada à outra criança que, mesmo sem o laudo médico, apresenta características da deficiência, fazendo acompanhamento no Centro de atendimento Psicossocial.

A aluna, no primeiro encontro, se mostrou um pouco agitada e até mesmo desconfiada do trabalho a ser desenvolvido. Nota-se que, devido às dificuldades que apresenta em acompanhar as atividades em sala com a turma parece não acreditar em seu potencial e que pode fazer a diferença.

Inicialmente marquei um encontro com a mãe da aluna a fim de solicitar a autorização para realização da intervenção e para conhecer um pouco mais a história de vida da aluna. O início do percurso escolar da aluna nesta escola foi bastante tumultuado, esta se envolvia em constantes conflitos com os colegas, gritava muito com os professores e funcionários na escola. Neste período a aluna foi encaminhada ao CAPS. De acordo com a mãe, a filha fez acompanhamento, mas não consta na pasta escolar dela nenhum documento.

A mãe relata ainda que, a psicóloga deu alta para a filha. Indaguei para a mãe como foi o período de gestação e nascimento da filha, e esta informou que foi tudo tranquilo. Segundo ela, a filha caminhou e falou por volta de um ano de idade. Outro fato importante que a mãe relata é que quando a filha tinha um ano e alguns meses, ela - que morava no interior de Minas, junto com o pai e sua outra filha mais velha veio para uma cidade maior do mesmo estado, deixando-as com os avós paternos. Segundo a mãe o pai começou a usar drogas e ela, não suportando a situação os deixou, pois não tinha condições de sustentá-las aqui sozinha.

Núbia² ainda mamava no peito quando houve esta separação. De acordo com relatos da mãe ela chorava muito e chamava pela mãe. A mãe ainda relata que as visitava, mas não informou com que frequência fazia isso. Ela buscou a filha somente depois de dois anos, quando a criança já estava com quase quatro anos. Nesse retorno a mãe já observou que a filha estava mais agitada. Relata que os problemas então começaram a aparecer. A aluna no último ano estava mais tranquila, o que certamente contribuiu para que não fosse notada. Porém, seu desempenho pedagógico está abaixo

² O nome da criança foi alterado para preservar sua identidade.

do esperado para um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental. Informei à mãe que seria importante retomar os atendimentos psicológicos da filha, pois ela está entrando na adolescência e certamente outras questões poderão aparecer. A mãe continua dizendo que também preocupada, pois, a filha está com mania de tirar a roupa, se mostra muito agitada na hora de dormir e briga muito com a irmã. Nesse momento, complemento a informação dizendo para à mãe, que na escola, às vezes, ela tem levantado a blusa, se agita com os colegas e chora com facilidade.

Após essa primeira conversa com a mãe de Nubia realizei uma avaliação diagnóstica, a fim de verificar o nível de aprendizagem da aluna. Esta ação veio de encontro com os estudos de Mendonça (2014, p. 70), sobre avaliação que nos diz que:

[...] uma avaliação construtiva que favoreça a construção do conhecimento, que acompanhe o aluno e esteja presente em todo o processo educacional, desde o primeiro dia de aula até o último. Trata-se de avaliar, refletir, construir; avaliar, refletir, construir de modo a cumprir com o principal objetivo da educação: garantir a aprendizagem dos alunos com vistas à transformação voltada à equidade social.

Esta avaliação foi importante para que eu pudesse traçar, de forma consciente, os jogos que poderiam atender as demandas pedagógicas da aluna. Nesta avaliação inicial percebi que existiam falhas consideráveis no seu processo de alfabetização. Dessa forma, os jogos a serem selecionados deveriam ter como objetivo a consolidação da alfabetização. A alfabetização aqui entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego (SOARES, 2014).

O primeiro jogo utilizado com a aluna foi *Caça Rimas* que de acordo com suas instruções tem como objetivos: Compreender que as palavras são compostas por unidades sonoras; perceber que palavras diferentes podem possuir partes sonoras iguais, no final; desenvolver a consciência fonológica, por meio da exploração de rimas; comparar palavras quanto às semelhanças sonoras.

Primeiro expliquei que, naquele momento, eu seria a adversária dela. Li para ela as regras do jogo e como iria funcionar. Reforcei a ideia de que caso ela não estivesse entendendo poderíamos fazer a leitura das regras novamente. Cada uma iria receber uma cartela com 20 figuras e as 20 fichas contendo os desenhos que seriam distribuídos, igualmente, entre nós duas. Ao meu sinal cada jogador (nesse caso, eu e ela), deveria localizar, o mais rápido possível, na sua cartela, as figuras cujas palavras

rimam com as das fichas que estão em suas mãos. Cada ficha deve ser colocada em cima da figura correspondente na cartela. O jogo termina quando o primeiro jogador encontra o par de todas as fichas que recebeu.

Ao iniciar o jogo percebi que a aluna apresentou extrema dificuldade para encontrar os pares. Fiz algumas intervenções e percebi que ela ainda não tinha compreensão do que seria sílabas ou unidades sonoras da palavra, dessa forma também não entendia o que seria as rimas. Então, antes de jogar novamente com a aluna, trabalhei durante quatro encontros com a identificação das palavras do jogo, sinalizando para ela quando ocorriam as rimas e a segmentação das palavras. Durante estes encontros eu mostrava a figura e falava de forma pausada o nome e perguntava se rimava com a figura do tabuleiro. Inicialmente ela dizia sim ou não de forma aleatória. No entanto, solicitei que esta repetisse a palavra e pensasse se elas se pareciam. A partir dessa intervenção a aluna passou a repetir e agir de forma mais pensada e mais segura.

Percebi na aluna uma dificuldade de organizar os pensamentos, agindo compulsivamente e já esperando um resultado negativo. No meu sexto encontro com a aluna conseguimos avançar no jogo. Fui adversária dela, mas, dessa vez, dei tempo para que ela pudesse encontrar os pares, e, apesar de termos feito todo o trabalho anterior, ainda nota-se uma insegurança por parte da aluna. Percebi o quanto é importante que ao fazer o acompanhamento do aluno com deficiência intelectual o professor identifique o nível de apoio que este necessita. De acordo com Oliveira e Plestsch (2013, p.66):

O apoio no AEE, aliado às modificações institucionais que devem ocorrer no âmbito da escola e a atenção do professor no contexto da sala comum, possibilitarão aos alunos com deficiência intelectual a constituição de uma trajetória escolar inclusiva, junto com os outros e, ao mesmo tempo, o respeito às suas particularidades, com adequações no conjunto da proposta curricular, inclusive relacionadas à avaliação pedagógica.

Nos encontros seguintes a aluna se mostrou mais confiante e conseguiu encontrar com mais facilidade as rimas.

Durante a intervenção percebi que a aluna ainda não compreende que as palavras são formadas por unidades sonoras menores, que para escrever é preciso refletir sobre os sons e não apenas sobre os significados das palavras. Dessa forma optei em utilizar com ela o jogo *Bingo dos sons iniciais*. De acordo com as instruções deste jogo ele tem como objetivo compreender que as palavras são compostas por unidades sonoras que podemos pronunciar separadamente; comparar palavras quanto às

semelhanças sonoras (nas sílabas iniciais); perceber que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais; identificar a sílaba como unidade fonológica; desenvolver a consciência fonológica, por meio da exploração dos sons das sílabas iniciais das palavras (aliteração).

Este jogo é recomendado para alunos em processo de alfabetização, principalmente para os que precisam perceber que a palavra é constituída de significado e sequência sonora e que é preciso pensar sobre as propriedades sonoras das palavras, desenvolvendo dessa forma a consciência fonológica (BRANDÃO et al, 2009). Neste jogo dei uma cartela com diferentes palavras para a aluna. Inicialmente fiz a leitura de todas as palavras - as da cartela e as fichas que seriam sorteadas. Informei que iria sortear a palavra e ela deveria verificar se em sua cartela havia alguma palavra iniciada com o mesmo som da primeira sílaba da palavra que falei. A aluna no início se mostrou novamente insegura, talvez porque estávamos iniciando uma atividade desconhecida para ela. Repeti a palavra por mais três vezes de maneira pausada para que a mesma pudesse verificar se tinha alguma palavra iniciada com a mesma segmentação. A mesma percebeu que não tinha. E estava correta. Continuamos com o jogo, mas no primeiro dia não conseguimos concluir. Percebi que a aluna ficou cansada e sem paciência. Combinei com ela que continuaríamos no próximo dia.

No dia seguinte expliquei novamente para ela como seria aquele jogo para que ela pudesse lembrar das regras e dos procedimentos. Iniciei falando as palavras de forma pausada para que a mesma pudesse identificar com mais facilidade a primeira sílaba. A aluna ainda teve um pouco de dificuldade, mas conseguiu identificar as palavras. Nos próximos dias de intervenção continuei com o Bingo. A aluna, a cada dia, conseguia identificar as palavras com mais facilidade e demonstrava interesse em realizar as atividades de intervenção comigo.

Em um novo ditado aplicado à aluna esta mostrou um avanço significativo. Segundo Oliveira e Plestsch (2013) os nossos limites são determinados muito mais pelas relações humanas que estabelecemos em nosso cotidiano e também através do processo de mediação, do que necessariamente apenas pelo nosso aparato biológico. Percebe-se a cada encontro que a aluna se encontrava mais concentrada e com vontade de acertar. Nossa interação já acontece de forma mais espontânea, como já está progredindo ela já está tendo mais controle.

Ela se mostrou mais confiante e alegre na última intervenção. No ditado que fizemos, ela avançou, já consegue pensar na escrita com mais propriedade.

Em uma conversa final com a mãe, posterior às intervenções, esta também se mostrou mais interessada em buscar um atendimento psicológico para a aluna, entendendo que este será fundamental, pois Núbia está entrando na adolescência e a terapia será muito importante nesta fase de muitos conflitos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através deste projeto de intervenção percebi que com os jogos podemos fazer muito mais para as crianças com deficiência intelectual. Estas, muitas vezes, são esquecidas no canto da sala e, muitos dos recursos que utilizamos com a turma podem ser utilizados com elas também, mas, de maneira adequada, de forma que atenda as especificidades deles. Segundo Oliveira e Plestsch (2013, p.65):

A deficiência intelectual não representa um atributo da pessoa, mas um estado particular de funcionamento e, portanto, para funcionar bem, depende das condições ofertadas a ela, que são sociais e não, exatamente, às condições primárias de seu desenvolvimento, ou seja, de suas condições biológicas.

Nesta intervenção confirmamos que através dos jogos de regras, a criança cria condições de superar as próprias limitações, visto que a repetição provoca a segurança de que aprendeu o exercício, logo depois passa a explorar o novo exercício até conseguir dominá-lo e novamente expandir sua capacidade (GIL, 2002).

O material aqui utilizado não foi inventado especificamente para um aluno com deficiência intelectual. É um material disponibilizado para todas as crianças, coube a mim adaptar o uso do mesmo para uma aluna que necessita de um olhar diferenciado. Por isso, penso que muitas vezes estamos procurando soluções mirabolantes e não encontramos. Vejo que o importante é atentarmos para as especificidades de nossos alunos com deficiência intelectual, enxergá-los como sujeitos de possibilidades. Entender que eles possuem capacidades que precisam ser trabalhadas como todos os outros alunos, porém de forma diferenciada e atenciosa. Percebi no olhar da aluna, um sentimento de esperança, de vontade, de busca que muitas vezes lhe foi negado.

Mesmo chegando ao final deste projeto, pretendo continuar com o acompanhamento da aluna e incluindo também outros alunos como seus parceiros nos jogos.

É necessário que nós, que estamos em contato direto com estas crianças, levamos esperança para elas, que tenhamos o discernimento de enfrentar nossas barreiras e entender que elas esperam muito de nós. Dizer que não estamos preparados não resolve o problema é necessário ação. Percebo que, muitas vezes, o pouco que fazemos se torna muito e valioso para elas.

Nesta intervenção foi fundamental conhecer as necessidades e demandas da aluna para que a mesma possa ser vista como um sujeito de possibilidades. Muitas vezes esses alunos são destacados apenas pelas dificuldades que apresentam. Através do jogo tivemos a oportunidade de propor momentos de aprendizagem diferenciados para Núbia. Estas alterações na prática mudou a rotina da aluna, e esta viu a possibilidade de mudança. Através do jogo estimei a aluna, meu papel foi de mediadora no processo de aprendizagem. Um mediador que tenha uma nova forma de ver a criança que aprende, ou seja, uma criança ativa, que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula suas hipóteses e supera suas dificuldades (IDE, 1996).

O jogo na escola precisa ser visto como uma possibilidade de estratégia didática, de acordo com Ide (1996), as crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem; sendo assim, esforçam-se para superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Tive a oportunidade de perceber isso nesta intervenção com uma aluna com deficiência intelectual, que se mostrou perfeitamente capaz de superar obstáculos e descobrir novos saberes. O jogo possibilitou a ela ver que pode vencer obstáculos e obter o êxito através de seu esforço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Anisia Ripplinger; MARONESI, Simone Teresa Savoldi; MOURA, Neide Cardoso de. **O jogo como estratégia auxiliar do processo de alfabetização de turmas de 1º e 2º anos do ensino fundamental.** Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1120%20Acesso%20em%2015/01/19> Acesso em: 15 abril 19

ALVES, Luciana; BIANCHIN, Maysa Alahmar. O jogo como recurso de aprendizagem. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 27, n. 83, p. 282-287, 2010 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 jan. 2019.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves; FERREIRA, Andréa Tereza Bitto; ALBURQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (orgs.). **Jogos de Alfabetização.** Centro de Estudos em Educação e Linguagem: Pernambuco, 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades educativas Especiais.** Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

_____. Ministério da Educação. Educação, Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado.** Brasília – DF:2007.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: ludicidade na sala de aula: ano 01, unidade 04 – Ministério da Educação, Brasília: 2012.**

GIL, J. P. A. et al. O significado do jogo e do brinquedo no processo inclusivo: conhecendo novas metodologias no cotidiano escolar. **Revista Educação Especial**, n. 20, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5109>. Acesso em: 17 maio 2019.

IDE, Sahda Marta. O jogo e o fracasso escolar. In. KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.**São Paulo: Cortez, 1996.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna , 2003. (Coleção cotidiano escolar)

MENDONÇA, A. G. **Avaliação da aprendizagem no ensino técnico de nível médio: Desafios e perspectivas.** 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio. Deficiência Intelectual: os sentidos da cultura, da história e da escola. In. SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais - Educação Especial, Secretaria Municipal de Educação/São Paulo: SME/Diretoria de Orientação Técnica (DOT), 2007, p. 60.**

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de. PLESTSCH, Márcia Denise. O Atendimento educacional especializado (AEE): Análise da sua relação com o processo de inclusão escolar na área da deficiência intelectual. In: MILANEZ, Simone Ghedini Costa; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; MISQUIATTI, Andréa Regina Nunes. **Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Deficiência Intelectual e Transtornos Globais do Desenvolvimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. OMETTO, Cláudia Beatriz de C. Nascimento. Competência leitora e escritora no jovem e adulto com deficiência intelectual. . In. SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais** - Educação Especial, Secretaria Municipal de Educação/São Paulo: SME/Diretoria de Orientação Técnica (DOT), 2012, p. 24-31.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais** - Educação Especial, Secretaria Municipal de Educação/São Paulo: SME/Diretoria de Orientação Técnica (DOT), 2007, p. 60.

SHIMAZAKI, E. M.; MORI, N. N. R. Atendimento educacional especializado à pessoa com deficiência intelectual. In: SHIMAZAKI, E. M.; PACHECO, E. R (Org.). **Deficiência e inclusão escolar**. Maringá: Eduem, 2012. p.55-68.

SILVA, Alexsandro da. Jogos de Alfabetização. In. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

SOARES, Magda. Alfabetização. In. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

VYGOTSKI, L.S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A Formação Social da Mente** – O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2010.